



ADVERSIDADES ENFRENTADAS NA VIVÊNCIA DOS IDOSOS LGBTQIA+ E AS REPERCUSSÕES NO AMBITO DA SAÚDE

BRUNA VETTORAZZI LISKOSKI¹; DANIELA HAUBMAN PEREIRA², BRUNA RODRIGUES RIBEIRO³; MARIA EDUARDA ARMINDO DE SOUZA⁴; LUCIANA DE REZENDE PINTO⁵

¹*Universidade Federal de Pelotas – brunavliskoski@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – danihaubman@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – brrori@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – mariaeduardaarmindo@hotmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – lucianaderezende@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial. Nos países do Terceiro Mundo, o envelhecer é caracterizado por um contexto de escassez na melhoria das condições de vida da população, simultaneamente ao rápido aumento do envelhecimento e esse processo não permite que conquistas sociais sejam devidamente alcançadas para maioria da população idosa (RAMOS, 1987). As iniquidades em saúde que ocorrem ao longo da vida evidenciam-se na terceira idade, onde muitos idosos apresentam desigualdades em saúde decorrente das circunstâncias sociais, econômicas e ambientais em que foram inseridos na sociedade, ao longo da vida (GEIB, 2012).

A velhice é comumente apresentada de forma desvalorizada, estereotipada e disposta a certas determinações sociais. Ao tempo que são vistos como pessoas doces, gentis e que apresentam grande sabedoria, os idosos também carregam visões depreciativas a seu respeito, sendo a doença, inutilidade e impotência ou desinteresse sexual grandes estereótipos dessa população (VIEIRA et al., 2015).

A sociedade dita e molda os arquétipos destinados aos idosos. Caracteristicamente, possuírem atividade sexual foge às normas estabelecidas socialmente. Apesar do seu conservadorismo e preceitos estipulados de acordo com uma visão heterocisnformativa, a sociedade é plural e não se limita a heterossexualidade e cisgenderidade. Orientação sexual e identidade de gênero transcendem os ciclos da vida, sendo a sigla LGBTQIA+ cabível para todas as idades. (REBELLATO et al., 2021)

Conforme constatado por FREDRIKSEN-GOLDSEN et al. (2019) a população idosa LGBTQIA+ possui maiores disparidades de saúde, como taxas de deficiência, saúde geral precária e sofrimento mental, bem como comportamentos adversos à saúde própria, como hábito de fumar e excesso no consumo de bebidas alcoólicas em comparação com população heterossexual semelhante. Desta forma, o presente estudo teve como objetivo identificar as iniquidades e seus determinantes no âmbito da saúde para população idosa LGBTQIA+.

2. METODOLOGIA

A elaboração do tema do presente estudo foi desenvolvida durante atividade do projeto de ensino “Reaprendendo a Sorrir”. O mesmo consiste em um grupo de estudos sobre envelhecimento formado por discentes do curso de graduação e pós-graduação em Odontologia da Universidade Federal de Pelotas, bem como



docentes da faculdade e colaboradores. O projeto tem como objetivo debater temas a respeito de odontogeriatria, geriatria e gerontologia.

Foi realizada uma revisão narrativa da literatura utilizando as plataformas Pubmed, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Scholar. Para a chave de busca foram usados descritores MeSH e DeCS com palavras que contemplavam o envelhecimento, idosos, idosos LGBTQIA+, saúde e população LGBTQIA+, dentre outros. Ademais, pela escassez de resultados a respeito do assunto na literatura, buscando maior embasamento, recorreu-se a livros publicados acerca do assunto e literatura cinza com a utilização de materiais jornalísticos. Não houve limitações com base no delineamento do artigo e idioma, foram incluídos todos que englobassem o assunto da pesquisa. Para a escrita do texto foi realizado encontros remotos entre os autores do trabalho para discussão do mesmo, bem como a utilização de plataformas remotas para a escrita concomitante facilitando a integração e comunicação entre o grupo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As discriminações sofridas por idosos LGBTQIA+ contribuem para que as dificuldades encontradas por essa faixa etária se acentuem. Por vezes, a intolerância é obra dos próprios longevos. SALGADO et al. (2017) relata em seu estudo que a maior parcela (30%) dos idosos entrevistados acerca do envelhecimento LGBTQIA+ repudiam e expressam hostilidade quanto a esse grupo de pessoas. Ao passo que 22,5% dos entrevistados declaram não ter conhecimento sobre velhice LGBTQIA+ e rejeitam a existência de tal coisa, ficando evidente a invisibilidade que essa minoria sofre.

Somente no ano de 1990 a Organização Mundial da Saúde parou de considerar a homossexualidade como doença (Conselho Nacional de Saúde, 2014). Enquanto no Brasil, os psicólogos tiveram a deliberação para não exercer quaisquer ações que favorecessem a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas apenas em 1999, com a publicação da Resolução N° 001/99 pelo Conselho Federal de Psicologia. Com o passar dos anos, políticas voltadas às minorias foram lavradas, sendo lançado em 2008, pelo Ministério da Saúde, o Programa Mais Saúde - Direito de Todos e em 2013, a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, ambos a fim de reduzir desigualdades, principalmente relacionadas à saúde desses grupos sociais (Ministério da Saúde, 2013).

A legislação vigente não tem sido suficiente para combater o estigma na sociedade frente a essas pessoas, sendo observado até mesmo por profissionais da saúde. A falta de um atendimento humanizado, acolhedor ou mesmo especializado e qualificado para o paciente idoso LGBTQIA+ influencia na sua busca por cuidados (SHIHADEH, 2021) e corrobora para que sejam negligentes e descuidem da própria saúde. Como exemplo, tem-se o fato das mulheres lésbicas realizarem os exames preventivos como papanicolau e mamografia com menos frequência que as mulheres heterossexuais. (REBELLATO et al., 2021)

No âmbito das doenças que essa minoria está mais propícia a desenvolver, é importante enfatizar as doenças mentais. Segundo REBELLATO et al. (2021), a prevalência de transtornos mentais como depressão, ansiedade, risco de suicídio e transtorno obsessivo-compulsivo nesse grupo é significativamente alta e isso pode ser facilmente justificado pelo contexto de violência e discriminação no qual estão inseridos. FREDRIKSEN-GOLDSEN et al. (2019) ainda trazem questões como



isolamento, exclusão e utilização de substâncias como tabaco, excesso álcool ou uso de drogas por razões não médicas.

Em 2013, o Ministério da Saúde ampliou o já existente processo transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2013). Entretanto, mesmo tendo portarias que garantem os direitos ao processo de transexualização e a saúde de pessoas transexuais, travestis e travestis (Trans), elas ainda apresentam dificuldades no sistema, sendo em relação ao desrespeito frente ao nome social, aos preconceitos sofridos por sua identidade de gênero e orientação sexual ou mesmo a garantia de acesso universal ao SUS (ROCON et al., 2016; SHIHADEH et al., 2021). Em um estudo feito por CACERES et al. (2016) sobre idosos homoafetivos e seu envelhecimento bem-sucedido, é descartado o grupo Trans da sigla LGBTQIA+ devido ao acréscimo de preocupações que esse grupo sofre quanto a sua qualidade de vida e saúde. As inúmeras peculiaridades sociais vivenciadas por esse grupo marginalizado, como exposição a prostituição e falta de apoio familiar, repercutem diretamente em sua mortalidade, apresentando uma expectativa de vida de apenas 35 anos. Essa situação dificulta uma maior análise do envelhecimento de pessoas Trans (UFMG, 2020).

As adversidades que os idosos LGBTQIA+ enfrentam a respeito da saúde física e mental os tornam carecidos de amparo. ARAÚJO et al. (2019) relatam em seu estudo com agentes comunitários de saúde (ACS), sobre a velhice LGBT, que 21,51% dos ACS descreve o grupo como solitários e abandonados, visto que são excluídos da família e sociedade. Enquanto 23,08% noticia a indiferença, invisibilidade e exclusão social sofrida pelos idosos.

Vínculos socioafetivos são a base para a rede de suporte de qualquer pessoa, sendo o núcleo familiar, amigos, vizinhos e o apoio comunitário exemplos desse elo. Todavia, minorias sociais tendem a ter esse vínculo enfraquecido devido a intolerância e exclusão sofrida pela sociedade (CRENITTEA et al., 2018). YANG et al. (2017) alegam em seu estudo que pessoas LGBT são mais prováveis de viverem sozinhas, serem solteiras e não terem filhos. Famílias de escolha são grandes apoios para esse grupo populacional (CRENITTEA et al., 2018).

A percepção dos idosos frente a velhice LGBTQIA+ tende a expressar o sentimento que o próprio longevo sente em relação ao envelhecer. Pessoas que observam a velhice como algo positivo, propagam essa perspectiva independente do grupo social, assim como o sentimento é exacerbado em relação a visão negativa (SALGADO et al., 2017). Ademais, a descriminação social e a ideia de uma velhice heterocisnormativa fortifica o preconceito e invisibilidade sofrida por esse grupo (SANTOS et al., 2018).

4. CONCLUSÕES

Percebe-se que as dificuldades sofridas por idosos que fogem da heterocisnormatividade são deveras alarmantes, pois essas pessoas sofrem duplamente, por conta do etarismo e da LGBTfobia, levando esse grupo à exclusão e solidão, vivenciando transtornos psicológicos e exígua situação de saúde.

As lutas vivenciadas pela comunidade idosa LGBTQIA+ são árduas e subnotificadas. As informações sobre o tema ainda são escassas, mostrando a necessidade de serem realizados mais trabalhos e pesquisas direcionadas a essa minoria.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013**. Brasília. 2013.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP Nº 001/99, de 22 de março de 1999**. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia Especiais. Acessado em 11 jul. 2021. Online. Disponível em:
https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Amanhã (17) será celebrado o Dia Internacional contra a homofobia. Veja abaixo o manifesto da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (ABGLT)**. Brasília, 14 maio 2014. Acessado em 15 jul. 2021. Online. Disponível em:
http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2014/05mai_16_lgbt.html
- FREDRIKSEN-GOLDSEN, K. et al. The Evolution of Aging With Pride—National Health, Aging, and Sexuality/Gender Study: Illuminating the Iridescent Life Course of LGBTQ Adults Aged 80 Years and Older in the United States. **International Journal of Aging and Human Development**, v. 88, n. 4, p. 380–404, 2019.
- GEIB, L. T. C. Determinantes sociais da saúde do idoso. **Ciencia e Saude Coletiva**, v. 17, n. 1, p. 123–133, 2012.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE, Secretaria de Políticas de Saúde. **Declaração de Alma Ata sobre Cuidados Primários**, p. 15, 1979.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Brasília - DF. 2013.
- REBELLATO, C. et al. **Introdução às velhices LGBTI+**. Rio de Janeiro: Fólio Digital, 2021.192 p. PDF. Disponível em:
<http://www.sbggrj.org.br/rj/wp-content/uploads/2019/09/Livro-Introducao-as-velhices-LGBTI.pdf>
- ROCON, P. C.; et al. Dificuldades vividas por pessoas trans no acesso ao Sistema Único de Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 21, n. 8, p. 2517 - 2525, 2016.
- SALGADO, A. G. A. T.; et al. Velhice LGBT: uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros. **Ciencias Psicológicas**, v. 11, n. 2, p. 155, 2017.
- SANTOS, J. V. O; et al. Atitudes e estereótipos em relação a velhice LGBT. **Interdisciplinar**. v. 29, p. 57-69, 2018.
- SHIHADED, N. A. et al. A (in)visibilidade do acolhimento no âmbito da saúde: em pauta as experiências de integrantes da comunidade LGBTQIA+. **Barbarói**. n. 58, p. 172-194, 2021.
- UFMG. **Transfobia compromete a saúde de mulheres trans**. Centro de Comunicação Social da Faculdade de Medicina da UFMG. Belo Horizonte, 16 mar. 2020. Acessado em 15 jul. 2021. Online. Disponível em:
<https://www.medicina.ufmg.br/enquanto-existir-transfobia-saude-das-mulheres-trans-estara-comprometida/>
- VIEIRA, R. S. S.; LIMA, M. E. O. Estereótipos sobre os Idosos: Dissociação entre Crenças Pessoais e Coletivas. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 4, p. 947–958, 2015.
- YANG, J.; et al. Predicting Perceived Isolation Among Midlife and Older LGBT Adults: The Role of Welcoming Aging Service Providers. **The Gerontologist**. v. 58, n. 5, p. 904-912, 2018.